

O AMOR EM *Um amor de Swan*

Celina Fontenele Garcia

Proust, em *A la recherche du temps perdu* construiu uma das obras mais importantes do século XX, não pelo seu volume, mas pela novidade para o campo do romance.

Assim como Balzac pinta na *Comédia Humana* a sociedade burguesa da sua época, Proust na sua "Comédia Mundana" pinta a alta sociedade burguesa e a aristocracia do fim do século.

Com Gide e Proust o romance passa a ter um duplo objetivo: a verdade íntima e a verdade artística inteiramente nova. Com eles, operou-se a transformação do romance tradicional, realista como meio de representação, para o romance como meio de expressão da verdade íntima e sua relação com o mundo exterior. Os fatos adquirem um valor simbólico, filosófico e poético. É através dessa evolução do romance, que busca no mundo profundo da consciência, sem as considerações de espaço, tempo e identidade a aventura espiritual, a verdadeira vida. Em Proust a maneira de pensar é nova. Diz Valéry: "Proust sut accommoder les puissances d'une vie intérieure singulièrement riche à l'expression d'une petite société qui veut être et qui doit être superficielle. Par son acte, l'image d'une société superficielle est une oeuvre profonde." Em *Jean Santeuil*, escrito entre 1894 e 1900, mas publicado apenas em 1952, Proust se mostra melhor como observador. É a narrativa da vida de um personagem, a vida já passada, já feita. O futuro existe apenas para a obra, não para o personagem. A consciência em vez de ir para o futuro, volta ao passado. O romance é uma viagem, a toda velocidade, no tempo e no espaço. Aí o autor demonstra uma experiência completa e indivisível do mundo. Sua publicação impediria a publicação

de *A la recherche du temps perdu*, pois "Jean Santeuil" se constitui uma prefiguração de *A la recherche*. . . "Proust dedicou a vida inteira à criação de sua obra, e assimilou de tal maneira à sua vida, como uma vocação. O movimento do narrador em *A la recherche* dá à narrativa um aspecto quase póstumo vencer o tempo. O narrador sabe tudo o que vai acontecer, porque ele escreve quando a vida está terminando para ele. Os temas giram em torno do tempo que passa e a luta do tempo que passa, — o tempo redescoberto, a importância da noção do tempo. A própria estrutura da obra lhe confere seu significado, ao contrário de Balzac que deu unidade à sua obra depois de ter escrito a maior parte de seus romances. "Em busca do tempo perdido" é ao mesmo tempo a história de uma época e a história de uma consciência; esse desdobramento e essa conjugação fazem dela a profunda, a surpreendente originalidade. Essa obra com efeito, é ao mesmo tempo observação e introspecção; ela é o mundo e ela é o eu, porque a grande descoberta de Proust é que não somente o mundo se ordena ao redor de nós, mas que ele está em nós, que ele é nós mesmos. Quanto aos seres, somos nós que lhes conferimos suas dimensões; a indiferença os anula, o amor e o ciúme os exalta desmesuradamente; a inteligência (ou a melancolia) discerne seus limites e as proporções temíveis que eles podem tomar em suas próprias vidas."

Em busca do tempo perdido no seu aspecto exterior mostra um homem que conta seu passado, o tempo perdido. Um homem que dorme, mantém em círculo em torno de si o fio das horas, a ordem dos anos e dos mundos. Ao acordar consultas instintivamente e neles verifica num segundo o ponto da terra em que se acha, o tempo que decorreu até despertar; essa ordenação, porém, se pode confundir e romper. Se acaso pela madrugada, após uma insônia, vem o sono surpreendê-lo, durante a leitura, numa posição muito diversa daquela em que dorme habitualmente, basta o seu braço erguido para deter e fazer recuar o sol e, no primeiro minuto em que desperte, já não saberá a hora, e ficará pensando que acabou apenas de deitar-se." (*No caminho de Swan*). No seu aspecto interior, nos transmite o sentido de tempo perdido, vida desperdiçada, inútil. O livro se apresenta como um romance, contado na primeira pessoa, salvo *Um amor de Swan*, escrito na terceira pessoa. O narrador empresta sua personagem a Proust. Seu nome de família não intervém nunca. As recordações da vida de Proust são transformadas: Illiers é Combray, Celeste, sua criada, é Françoise, o Conde de Montesquieu é o Barão de

Charlus. Ao começar a escrever Proust tinha um plano muito claro, preciso, e o que foi acrescentado após 1914 não modificou sua estrutura.

O autor elabora o plano *prólogo* | *narrativa* | *epílogo*, o
1970 1920
epílogo constituindo uma resposta ao prólogo dado o caráter circular da obra.

No prólogo o narrador fala da memória, fazendo a constatação amarga sobre as recordações do passado que são vagas, imprecisas, que morremos à medida que o tempo passa, (grande tema da psicologia bergsoniana). Fala da angústia indefinível que ele experimenta, criança, em seu leito, esperando que sua mãe venha abraçá-lo; esta angústia ele experimenta ainda agora, adulto.

La petite Madeleine vai se constituir na experiência primordial da vida do narrador. A partir daí, do chá tomado com a *madeleine*, o narrador se lembra subitamente, claramente (memória afetiva em psicologia, memória pura de Bergson) lembrança completa, total, nada confusa, como a da angústia noturna. "Il y avait déjà bien des années que, de Combray, tout ce qui n'était pas le théâtre et le drame de mon coucher, n'existait plus pour moi, quand un jour d'hiver, comme je rentrais à la maison, ma mère, voyant que j'avais froid, me proposa de me faire prendre, contre mon habitude, un peu de thé. Je refusai d'abord et, je ne sais pourquoi, me ravisai. Elle envoya chercher un de ces gâteaux courts et dodus appelés Petites Madeleines... Et bientôt, machinalement, accablé par la morne journée et la perspective d'un triste lendemain, je portai à mes lèvres une cuillère du thé où j'avais laisser s'amollir un morceau de madeleine. Mais à l'instant même où la gorgée mêlée des miettes du gâteau toucha mon palais, je tressaillis attentif à ce qui se passait d'extraordinaire en moi. Un plaisir délicieux m'avait envahit, isolé, sans la notion de sa cause. Il m'avait aussitôt rendu ses vicissitudes de la vie indifférentes, ses désastres inofensifs, sa brièveté illusoire de la même façon qu'opère l'amour en me remplissant d'une essence précieuse: ou plutôt cette essence n'était pas en moi, elle était moi. J'avais cessé de me sentir médiocre, contingent, mortel". Êxtase da memória que enche Proust de felicidade extraordinária, muitas vezes confundido com misticismo. O narrador se questiona e teremos a resposta desse questionamento no epílogo: todo passado é transportado pela memória e pela experiência da *petite madeleine*, e toda a vida do narrador se encontra ligada, de tempos e tempos, à experiência da *petite madeleine*, que lhe transmite esta impressão de plenitude.

Muitas vezes, ele não encontrará a recordação, mas frequentemente ela volta como a da *petite madeleine*. Mas cada vez que isso acontece ele toma um tom solene, como alguém que toca a essência mesma da vida.

O epílogo contém três experiências acumuladas: os passos sobre a calçada, a mão tocando o guardanapo, o ruído de uma colher tocando a xícara. Ele consegue fixar suas recordações. O narrador — nomeado uma única vez como Marcel — as afasta e procura resposta à sua pergunta feita no começo. A nossa personalidade muda à medida que o tempo passa. Somente a memória ordinária nos prende a esse *nós* que muda continuamente. Nós encontramos a recordação mas não re-encontramos nossa personalidade em plenitude onde ela era apenas memória infiel. A condição humana é viver e morrer para si mesmo. Fomos condenados a viver nesta "enfermidade" do tempo que passa.

O homem muda a cada momento e não pode se impedir de crer que a felicidade que ele deseja há um momento lhe é essencial; o tempo mudará esse desejo.

As experiências da memória pura são exceções extraordinárias às leis da vida.

A condição humana é a de *ser* nas transformações, na morte, e de aspirar ao absoluto. A narrativa se constitui no esforço de um homem para reviver seu passado e de fixá-lo numa obra de arte: a obra de Proust. Aquilo que se guardará da obra não é esta resposta mas a parte negativa, a terrível angústia de ser no tempo, de ser no nada da *condição humana*.

A narrativa segue a ordem cronológica da vida do autor.

I — NO CAMINHO DE SWAN

1. O narrador evoca, pelo efeito de uma associação fortuita, todo um passado que revive a partir da sua infância em Combray, e um amigo Swan, seu amor por Gilberte, filha de Swan.

2. "Um amor de Swan" — Swan encontra sua futura esposa, Odete de Crécy, nos salões burgueses.

3. O narrador se sente atraído por Gilberte, mas seus sonhos o levam para o castelo de Guermante. Alguns anos mais tarde, Gilberte inspira seu primeiro amor.

II — A SOMBRA DAS RAPARIGAS EM FLOR

1. Continuação de seu amor por Gilberte. Fim desse amor.
2. Ida a Balbec com sua avó. Lá, ele se torna amigo de Robert Saint-Loup. Visão de um grupo de jovens e encontra Albertina.

III — O CAMINHO DE GUERMANTES — I e II

O narrador experimenta uma viva paixão pela Duquesa de Guermantes. Ele deseja ser recebido por ela. Morte de sua avó. O início da ligação com Albertina. Visita ao sobrinho da Duquesa de Guermantes, Robert Saint-Loup. Conhece enfim a gloriosa e secreta aristocracia do Faubourg Saint-Germain. Encontro com o Barão de Charlus.

IV — SODOMA E GOMORRA — I e II

No primeiro plano da narrativa aparece o Barão de Charlus, irmão do Duque de Guermantes, um aristocrata, ao mesmo tempo cruel e bom, imperioso e humilde, grosseiro e delicado, que demonstra gostos anormais. Outros salões se abrem à curiosidade do narrador, em particular o da burguesa Mme. de Verdurin. Volta a Balbec, reencontra o pequeno grupo, descobre com estupefação os modos estranhos de Albertina e sob o império do ciúme, sente crescer em si uma paixão torturante.

V — A PRISIONEIRA

Albertina aceita viver em Paris com o narrador. Mas ao fazê-la sua prisioneira ele sente que ela lhe escapa. O conhecimento do mundo do Barão de Charlus. A fuga de Albertina.

VI — A FUGITIVA

Albertina é indispensável à vida do narrador. Toma conhecimento de sua morte num acidente. Ele sofre retrospectivamente de suas traições, e conquista a calma à custa de grandes esforços. Swan morre, Odete se casa com o Duque de Guermantes e Gilberte casa com Robert Saint-Loup.

VII — O TEMPO REDESCOBERTO

A guerra começa. O narrador observa com ironia ou melancolia as transformações da sociedade que ele descreveu.

Numa visita feita à princesa de Guermantes ele descobre numa iluminação, a verdade que ilumina e justifica sua narrativa: fixar numa obra os momentos de um passado esquecido, é encontrar o tempo perdido. O autor se deita, dorme, acorda, e é o homem que dorme no começo do 1.º livro: obra circular, termina como começa. Os críticos encontram sempre a coerência cronológica na obra circular: sempre começar, nunca acabar.

Existe a ligação íntima entre o primeiro livro e o último: A primeira palavra do primeiro livro: "Longtemps". Última palavra do último livro: "Temps". Primeira parte: o narrador está em Combray, a experiência do despertar, temos a noção do tempo que passa, a noção temporal. A última parte do último volume: o narrador é convidado para uma recepção da princesa de Guermantes. O narrador tropeça nas pedras do calçamento, tem uma sensação súbita de um fato já vivido, a memória, o passado — presente, encontra as personagens conhecidas: noção do tempo que passa, noção de eternidade, intemporal.

A apresentação dialética da noção do tempo está contida na aventura espiritual do homem que procura no tempo o que não está no tempo. O narrador se torna herói, o herói se torna narrador, o que constituía originalidade na obra romanesca. O livro é o resultado da ação de escrever, a matéria da obra literária se constitui na vida literária do autor que transmite ao público o nascimento da obra literária assistida pelo leitor. É a confissão de uma vida humana que constrói o mundo através da dialética do sonho e da realidade. O sonho adquire grande importância na obra de Proust. O tempo *versus* continuidade regular depende da memória, sempre deformada pela visão do autor. Os símbolos do tempo são representados por cada personagem. A noção do tempo é pois um elemento essencial da obra de Proust, constituindo a singularidade de sua obra romanesca a forma mesma do tempo.

"Como teria qualquer valor a literatura descritiva, se a realidade se oculta sob pequenas coisas que enumera (a grandeza no ruído distante de um aeroplano, na linha do campanário de Santo Hilário, o passado no sabor de um bolinho etc.) e por si mesma nada significam, se não se souber desentranhar o que encerram?"

Pouco a pouco conservada pela memória, é a cadeia de todas as impressões inexatas, onde nada resta do que realmente sentimos que constitui para nós nosso pensamento, nossa vida, a realidade, e é essa falsidade a reproduzida pela arte dita "vivida", simples como a vida, sem beleza, o duplo emprego do que vêem nossos olhos e verifica nossa inteligência, tão fastidioso e vão que indicamos onde encontra quem a cultiva a flama alegre e motora capaz de animá-la, de fazê-lo prosseguir na tarefa. A grandeza da verdadeira arte... consiste ao contrário em captar, fixar, revelar-nos a realidade longe da qual vivemos, da qual nos afastamos cada vez mais à medida que aumentam a espessura e a impermeabilidade das noções convencionais que se lhe substituem, essa realidade que corremos o risco de morrer sem conhecer, e é apenas a nossa vida, a verdadeira vida, a vida enfim descoberta e tornada clara, a única vida, por conseguinte, realmente vivida essa vida que, em certo sentido, está sempre presente em todos os homens e não apenas nos artistas... Captar a nossa vida; e também a dos outros; pois o estilo para o escritor como para o pintor, é um problema, não de técnica, mas de visão. Graças à arte, em vez de contemplar um só mundo, o nosso, vêmo-lo multiplicar-se, e dispomos de tantos mundos quantos artistas originais existem, mais diversos entre si do que os que rolam no infinito, e que, muitos séculos após a extinção do núcleo de onde emanam, chame-se este Rembrandt ou *Ver Meer* ainda nos enviam os seus raios (O Tempo Redescoberto).

UN AMOUR DE SWAN

Esse livro pode ser retirado do conjunto da obra, pertence à primeira redação e parece ser um esboço da obra, colocando-a entre *Jean Santeuil* e *A la recherche*... Swan, espécie de prefiguração do narrador, possui todos os seus traços, assim como "Jean Santeuil" é a prefiguração do narrador. Todos os grandes temas são aí encontrados. Este é um pequeno romance que constitui a síntese da grande obra proustiana.

Na narrativa, a ação se situa mais ou menos em 1885, na época da III República. O Herói, Swan, é um amigo do narrador, na sua infância. Rico burguês, de origem israelita, pertence a um meio refinado, homem culto, mundano, no início e apesar de suas origens burguesas, frequenta a mais alta sociedade. Homem altamente polido, foge a toda afetação. O essencial da polidez consiste em não parecer refinado. Esconde sua erudi-

ção, evita os grandes gestos, mundano da espécie mais complicada e mais refinada. Sua aventura amorosa começa quando ele conhece Odete, que possui um passado e que é justamente o contrário do que convém a Swan. Ela possui grandes ambições sociais, quer tornar-se mulher de Swan. Sem educação, inculta, suas maneiras grosseiras causam desgosto e desprezo, quase feia. Swan freqüenta o salão dos Verdurin, burgueses da classe média parisiense, mas muito ricos, seu salão é freqüentado por uma sociedade misturada. Ele não nota de maneira nenhuma Odete, mas um dia descobre que ela se assemelha a uma personagem pintada na Capela Sistina. Primeiro passo na evolução dos amores proustianos: certo ser humano cessa de pertencer à raça humana inferior dos homens e passa a um outro mundo maravilhoso, superior. Acontece a mesma coisa quando Gilberte e Albertine encontram o narrador. É preciso um princípio de cristalização nessa evolução do amor. Odete torna-se a princípio interessante, passa a participar desse mundo maravilhoso e Swan começa a amá-la. A cristalização tem início e vai terminar com a descoberta do amor. Um acontecimento súbito fará com que tudo se cristalice: acontece sempre assim nos amores proustianos.

Nessa tomada de consciência do amor, existe sempre esse ponto: o ser parece de repente inacessível. A tomada de consciência do amor é feita através de uma análise aguda e preciosa. Swan tem a impressão de ser feliz. Os escritores tradicionalistas pintam o amor como uma espécie de fatalidade como uma crise de loucura. Proust procede da mesma maneira.

A história prossegue, a curva descendente vai ser algo terrível, porque vai surgir o ciúme, a outra face do amor para Proust, sempre inevitável, mesmo se ele não tem razão de ser. Swan deseja saber tudo sobre Odete, quer participar de sua vida quer "ser" Odete. Aí é que se vê que Proust trata do amor paixão, não daquele que quer ajudar os seres a ser eles mesmos.

No caso de Swan, o ciúme terá maior razão de existir, porque haverá um fato que vai acentuar a gravidade do acontecimento. O personagem que vai cristalizar esse ciúme é M. de Forcheville, belo jovem completamente estúpido. Swan começa a sofrer profundamente. Os fatos que irão precipitar as coisas são:

1 — *Episódio da janela iluminada ou as falsas suspeitas:* Swan vai para a casa de Odete e percebe uma janela iluminada, sua janela, e ele atinge o paroxismo da loucura: vai bater

à janela, dois homens conversam. O ciúme fez com que Swan se enganasse de janela.

2 — *Episódio do visitante mandado embora ou da carta:* Ele bate na porta de Odete, com a demora em atender, ele ouve passos, imagina que fazem sair alguém. Odete lhe dá uma carta para pôr no correio, endereçada para Forcheville. Ele lê algumas linhas da carta, que provam que Forcheville está lá realmente. A análise acurada do ciúme vai começar: ele vai atingir tantos momentos de grande felicidade como tocar o fundo da desgraça. Sua personalidade superficial vai mudar. O homem delicado se utiliza de meios deploráveis. A um personagem Proust afirma que esse amor é uma espécie de doença mental. Esta doença se desenvolve e invade totalmente Swan que termina doente psicologicamente, transformando-o num pobre ser humano. Sob essa atmosfera Swan provoca graves incidentes, ele é expulso da casa dos Verdurin, o que o encoleriza. O tempo passa e faz que Odete se afaste pouco a pouco de Swan. Uma noite ele volta para seu mundo antigo, aceita um convite. Noite proustiana. Ele tem a impressão de não pertencer mais a esse mundo. Ele se sente de tal maneira estranho a esse círculo social que faz com que tudo isso lhe pareça ridículo. Tudo parece muito bem, mas de repente ele ouve a orquestra tocar a frase de Vinteuil. A memória pura começa a trabalhar. Depois disso o tempo passa e Odete se torna cada vez mais distante. A outra lei da curva amorosa vai aparecer: o esquecimento. Swan vai se curar. Torna-se um homem novo que não ama mais Odete. Existe aí um outro aspecto da memória: não se lembra senão intelectualmente de seu amor, mas antes de desaparecer definitivamente há o retorno às recordações. Swan vai ter um sonho (Bergsonian) último adeus do amor de Odete. O tempo passa — esquecimento total.

Esse livro é a obra-prima da análise psicológica aplicada ao amor paixão. Proust reencontra todas as verdades tradicionais que a aberração romântica tinha escondido. Todos os grandes temas proustianos são apresentados nesse livro: o tempo que passa, a memória, a visão terrível da condição humana (pessimismo fundamental de Proust).

Proust é um analista da arte, e da sociedade. Na sua análise do amor Proust analisa as duas grandes vertentes do amor paixão: alguma coisa de bom, alguma coisa de mau.

O amor cortês da Idade Média transmite a idéia do otimismo no amor, que eleva a alma, o amor platônico, o amor cornelianiano, de vontade, amor-razão, encontra recompensa no obje-

to amado, amor romântico. A paixão torna-se favorável, somente o amor dá o caráter de autenticidade na vida.

A visão pessimista: o amor raciniano, nada de razão, a presença da fatalidade terrificante que é a desgraça do homem — mesma idéia dos moralistas. Proust volta a essa idéia: caráter fortuito imprevisível, inexplicável. Nada de previsto, de verdadeiro. Criação de uma personagem imaginária, ilusão, loucura, pois a pessoa que se ama não existe, vive num mundo à parte, numa cristalização do amor. O ponto culminante da análise da paixão em Proust está na angústia, na necessidade, no desejo, na insatisfação, é isso que chamamos amor, o ciúme fatal do amor. A psicologia do amor em Proust é o desabar de todas as ilusões — a volta à idéia antiga de amor.

Há em toda parte o rejuvenescimento. Daí à psicologia de Proust o homem busca o absoluto, e isso se constitui numa ilusão, numa loucura. O amor sendo portanto um delírio.